



Margarida na lua

A Lua tem uma flor, sabias?

Ora ouve esta história que te vou contar...

Era um menino que gostava muito de viajar, especialmente de noite, pelo espaço azul do céu... Era um menino chamado Romero, que vivia com os pais e o seu velho gato alaranjado, de bigodes brancos.

Romero tinha uma vizinha e amiga astronauta, a quem tratava por Mina. Mina tinha um pequeno foguetão cor-de-rosa que construíra na oficina do seu pai, aproveitando muito bem algumas placas de metal leve, parafusos usados, arame, restos de tintas, cola, sobras de cortiça, pedaços de plástico e de cartão. Com todas estas coisas que descobriu na oficina, Mina conseguiu construir um foguetão muito barato e que funcionava de verdade!

No foguetão de Mina, ao lado do assento do piloto, havia espaço para um amigo. Nele, podia viajar-se à vontade e para bem longe do planeta Terra.

Lá estava ele, tapado pela coberta, no quintal, à espera da próxima viagem...

No Verão, Romero e Mina encontravam-se em segredo, à noite, quando os pais de ambos pensavam que eles já estavam a dormir... Às vezes, os dois amigos ficavam algum tempo a olhar para o céu, para tentarem ver uma estrela cadente, um cometa — com uma cauda ainda maior do que a de um vestido de noiva — ou um OVNI a abarrotar de extraterrestres verdes, amarelos ou azuis, a falarem uns com os outros em silêncio, só através do pensamento.

Em certas noites, quando o céu estava mesmo sem uma única nuvem, Mina entusiasmava-se e perguntava a Romero se não queria ir dar um passeio pelo espaço. Ele, claro, queria logo ir, porque era precisamente o que mais gostava de fazer! Então, pé ante pé, os dois meninos iam até ao jardim das traseiras da casa de Mina, destapavam o foguetão (que estava escondido sob uma capa de napa para não chamar a atenção dos vizinhos) e cada um ocupava o seu lugar sem fazer barulho, para não acordarem os cães do bairro que já dormitavam nas suas

casotas. Depois, fechavam a porta, e cada um colocava o seu capacete, as botas e o cinto de segurança. Mina perguntava para onde o seu passageiro desejava ir naquela noite e, seguidamente, levantavam voo.

Uma noite, Mina fez a habitual pergunta ao seu amigo; então, ele quis saber:

— Achas que temos combustível que chegue para uma viagem até à Lua?

A menina olhou para o painel à esquerda do guiador e acenou com a cabeça, antes de responder:

— Deve chegar para ir e voltar, mas assim não podemos dar aquele passeio à volta da Terra como costumamos fazer.

— Não faz mal — disse Romero. — Vamos!

Mina carregou no botão para pôr o motor a funcionar e, no segundo seguinte, estavam no ar! Lá iam, desta vez, até à Lua. O que iriam eles encontrar?

Pelo caminho, avistaram ao longe alguns meteoritos a rolarem pelo céu, sem se saber para onde iam. Felizmente, pelos cálculos de Mina, não seguiam em direcção à Terra, portanto não havia razão para terem medo de que algum caísse no seu quintal e fizesse um grande buraco no chão.



Mais adiante, viram uma estrela a nascer. Que espectáculo! Era uma estrela-bebé, que ainda nem sabia que tinha vindo ao mundo. Na verdade, não sabia sequer que era uma estrela e que durante a sua vida iria iluminar aquele lugar do céu, brilhar o tempo todo e aquecer tudo à sua volta, com o calor das chamas que iam saindo de dentro de si.

Como é bonito ver nascer uma estrela! pensaram os dois amigos, olhando através das janelas do foguetão.

Finalmente, prepararam-se para fazer o foguetão descer na Lua.

— Boa alunagem, Comandante! — elogiou, então, Romero. — Nem um solavanco!

Em seguida, desapertaram os cintos de segurança e saíram.

Uma vez lá fora, começaram a caminhar, olhando com atenção à sua volta.

Tudo parecia cinzento e havia crateras por todo o lado: umas pequenas, outras tão grandes que, se estivessem cheias de água, pareceriam grandes lagos como os que há na Terra. Depois de caminharem durante alguns minutos, avistaram uma rocha com a forma de uma pêra, brilhando no meio da poeira que havia por todo o lado.

— Olha como aquela rocha está iluminada! — exclamou Romero, apontando com o dedo. — Vamos até lá para descobrirmos de onde virá tanta luz.

Os dois amigos continuaram, então, a sua caminhada, sempre muito devagar.

Quando chegaram perto da rocha com forma de pêra, olharam com atenção e viram que a luz que a iluminava vinha do lado esquerdo. Que luz seria aquela? Algum astronauta

americano ou russo se teria ali esquecido de uma lanterna acesa? Ou estaria por ali algum investigador de um planeta longínquo?

— Olha, é uma flor — disse Romero, muito espantado. — Uma flor de prata!

— Uma flor prateada! — exclamou Mina, também admirada. — Deve ser a única por estes lados.

Foi nesse momento que os dois meninos ainda se admiraram mais ao ouvirem a flor dizer, numa voz muito macia:

— É claro que sou a única! Boa noite! Eu sou Margarida, a flor da Lua...

Um pouco atrapalhados, os dois amigos apresentaram-se:

— Eu sou a Mina, uma terráquea astronauta.

— E eu sou o Romero, um vizinho dela...

— Ah! Muito prazer! — exclamou a flor, inclinando um pouco a corola para fazer uma pequena vénia. Em seguida, olhou novamente para os dois visitantes e exclamou: — É a primeira vez que vejo humanos, que interessante! Cheguem-se um pouco mais perto!

Encantados, os meninos aproximaram-se daquela flor tão bonita — a mais bonita que já tinham visto.

— Não costumam aparecer astronautas por aqui? — quis, então, saber Romero.

— Nunca chegaram a este lado. Vocês são os primeiros! — contou a flor, muito animada. Era muito bom saber que eram os primeiros astronautas a descobrir aquele lugar tão especial.

— E como é que vieste aqui parar? — perguntou, então, Mina à flor prateada.

— Há muito, muito tempo, um grupo de três ou quatro cientistas trouxe até cá a minha mãe e mais algumas sementes, que ainda estão por aí, debaixo do pó, a dormir. Depois, regaram todo este lugar com a água que trouxeram da Terra.

— Quer dizer, então, que a tua mãe é uma semente...? — perguntou Romero.

— É, não; era... Mas é claro! Sou uma flor! — E abanou as pétalas fazendo cair uma chuva de pó prateado.

— E por que razão é que as outras sementes não deram flores? — quis saber Mina.

— Porque, para isso acontecer, é preciso que a semente se abra, isto é, tem de decidir morrer para a flor poder nascer; portanto, tem de ter coragem e... muito amor! Foi assim que Deus quis que as flores nascessem, há muito, muito tempo.

— Incrível! — espantou-se Romero. — Nunca antes tinha pensado em como nasce uma flor...

— E como é que tu sabes todas essas coisas que nos contaste? — perguntou Mina à flor cor de prata.

— Bem, é que passam por aqui muitos mensageiros que vão a caminho da Terra...

— Mensageiros?! — perguntaram em coro os dois amigos, olhando-se, muito surpreendidos com o que a flor tinha acabado de lhes dizer.

Então, a flor explicou:

— Sim! Mensageiros de Deus ou anjos, como quiserem chamar-lhes. São muito bonitos; bonitos e levezinhos, todos vestidos de branco. E têm asas maravilhosas que os fazem voar para qualquer lado, a velocidades extraordinárias, sem fazerem barulho!

— Incrível! — tornou Romero a exclamar. — Nunca pensei que os anjos passassem pela Lua antes de irem para a Terra. Falas de anjos-da-guarda das crianças e das outras pessoas, imagino...

— Não, não — respondeu a flor. Depois, informou: — Esses não andam por aqui; estão sempre ao pé das pessoas que eles têm de guardar, percebem? Falo de outros anjos... — A flor fez uma pausa, abanou-se um pouco para ajeitar as pétalas e, em seguida, contou: — Talvez vocês não saibam, mas cada país do vosso planeta também tem um anjo.

— A sério?! — inquiriram, ao mesmo tempo, os dois amigos, de olhos arredondados de espanto.



— Ora oiçam com atenção — pediu a flor. — Cada país tem o seu anjo, que deve fazer tudo o que puder para que haja paz na Terra, mas, como já devem saber, não é tarefa fácil... — E a flor da Lua deu um longo suspiro. — Ai, ai... Nem sei como alguns anjos não desistem! Há países que andam sempre em guerras! Ai, ai... É uma coisa muito triste... E os anjos, com muita paciência, bem tentam pôr boas ideias na cabeça dos chefes da Terra, para haver paz... Bom, mas a verdade é que os vejo muitas vezes passar por aqui e vêm sempre cumprimentar-me e contar-me as novidades. Os anjos sabem imensas coisas!

— E tu não te importas de viver sempre aqui, rodeada de poeira e buracos? — perguntou Mina, olhando em seu redor.

— É claro que não! Eu sou a flor da Lua, já vos disse. Sou a única. Sem mim, a Lua seria bem diferente, podem crer!

— Muito menos bonita — comentou Romero.

E a flor prosseguiu:

— Além de que, se tivesse nascido na Terra, eu seria apenas mais uma flor igual a tantas outras. Já me disseram que as minhas primas que há por lá também se chamam margaridas, como eu, só que, aqui, nem preciso de nome: sou única! Mas, mais importante, se eu tivesse nascido na Terra, não teria esta bonita cor prateada que todos me gabam!

— Pois — concordou Mina. — Essa tua cor é por causa do luar, não é?

— Ah, o luar... — suspirou a flor da Lua, balançando-se suavemente da esquerda para a direita. — O luar é que me faz brilhar! Brilhar e sonhar...

— Não sabia que havia flores-poetas — disse Romero, com um sorriso.

— Bem, parece-me que chegou a hora da partida — lembrou Mina, depois de consultar o seu relógio de pulso. Então, virou-se para a flor e disse: — Foi muito interessante conhecer-te! — E prometeu, antes de se afastar: — Se cá voltarmos, viremos visitar-te.

— Fico à vossa espera — disse a flor. — Gostei muito de vos receber em minha casa! Só estava habituada a falar com anjos...

— Adeus, flor da Lua — despediu-se Romero, acenando com a mão. — Agora que sei que existes, vou pensar em ti quando olhar para o céu. Até à próxima! Adeus!

Era o momento de regressar a casa.

Sentados outra vez nos seus lugares, Mina e Romero começaram a viagem de volta à Terra, no pequeno foguetão cor-de-rosa. Ao contrário do que era costume, foram calados durante quase toda a viagem, porque só conseguiam pensar na beleza da extraordinária flor da Lua, o único ser vivo daquele astro que eles viam todas as noites no céu. Agora, já sabiam por que razão a Lua ganhara aquele brilho tão especial: junto a uma rocha em forma de pêra, havia uma flor prateada, chamada Margarida, que brilhava como nenhuma outra! Era a flor da Lua...

Depois de aterrarem no quintal de casa de Mina, felizes mas um pouco cansados, os dois amigos arrumaram os capacetes e as botas no armário de madeira que havia na oficina. Agora, só faltava despedirem-se, porque o sono já estava a chegar e os olhos de ambos mal se aguentavam abertos.

— Boa noite, Mina. Que grande viagem fizemos hoje! Obrigado pela boleia! Dorme bem!

— Boa noite, Romero — despediu-se a amiga. E, enquanto ele se afastava, ainda lhe disse, muito baixinho: — Sonha com a flor da Lua!...

Maria Teresa Maia Gonzalez
Margarida na lua
Queluz, Editorial Presença, 2007